

- FIGUEIRA, S. A. Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas; 1: Lévi-Strauss e Peter Berger, In: FIGUEIRA, S. A. *Sociedade e doença mental*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.
- FIGUEIRA, S. A. *O contexto social da psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LO BIANCO, A. C. *Psicanálise e sociedade*. Monografia apresentada no Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do Departamento de Psicologia Clínica da UFPA. Belém, 1992.
- SIMMEL, G. A. *Metrópole e a vida mental*. In: VELHO, O. *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PASTORI, S. *A experiência do Riacho Doce: processo de construção de identidade do migrante em Belém*. Belém, 1994. Relatório de Pesquisa.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Freud e o Método Científico

Maiolino Miranda
Departamento de Psicologia Clínica/CFCH/UFPA

Resumo: O autor analisa a complexidade de conceituação da Psicanálise e a dificuldade de submetê-la a uma metodologia científica, usando procedimentos convencionais, em virtude de sua natureza multifacetada, isto é, simultaneamente uma Teoria de Estruturação da Personalidade, uma técnica de Investigação de fenômenos inconscientes, uma Terapia de Conflitos Inconscientes e uma *Weltanschauung*. Discute, ainda, a necessidade de adequar o método científico ao objeto de estudo; no caso da Psicanálise, sugere que sua contribuição compreensiva é mais enriquecedora.

Palavras-chave: psicanálise, cultura, método científico, ciências exatas e ciências humanas.

Freud and Scientific Method

Abstract: The complexity involved in conceptualizing psychoanalysis, and the difficulty of subjecting the theory to scientific methodology is analysed. Due to its multifaceted nature, psychoanalysis is at the same time a theory of personality structure, a technique for investigating unconscious phenomena, a therapy for unconscious conflicts, and a *Weltanschauung*. The necessity of adjusting the scientific method to the object under study is also discussed along with the suggestion that as a comprehensive theory, psychoanalysis provides an enriched contribution.

Key Words: psychoanalysis, culture, scientific method, exact sciences, humanities.

A cultura ocidental comemora neste ano de 1995 o centésimo aniversário do advento da Psicanálise. O que Sigmund Freud representa hoje, na História do Pensamento Universal?

Em Freud, Vida e Obra se completam (Jones, 1970). Autor de uma obra complexa, controversa mas original, tem sido objeto de estudo crítico, mais ou menos apaixonado, não esgotando as possibilidades interpretativas, daí seu valor heurístico. Neste artigo, não pretendemos realizar uma análise da psicanálise. Outros especialistas da própria área ou de áreas afins já o tentaram, com maior ou menor êxito. Nosso objetivo é assinalar alguns aspectos controversos que marcaram a gênese e evolução da Psicanálise, contribuindo assim para

uma melhor compreensão do significado atual desta ciência, suas potencialidades, desvios e limitações (Marcuse, sd.; Nelson, 1959).

A primeira dificuldade metodológica a enfrentar é a sedução de tentar explicar a obra (a Psicanálise) a partir da biografia do homem (Sigmund Freud), situado em um determinado contexto sociocultural-histórico, a Viena do final do século XIX e seu espírito de época (Gay, 1990). Outra abordagem tenta explicar a Psicanálise enquanto criação original e complexa de uma personalidade dilacerada por dúvidas existenciais e metodológicas, reduzindo-a a um mero caso clínico, a chamada Neurose de Freud (Silva, 1994). Nesse sentido, vários estudos tentaram realizar a gênese do método, confundindo-se com os conflitos da personalidade de seu criador. Assim, a Psicanálise extrapolaria a concepção de Teoria do Inconsciente e se colocaria na região dos Mitos, uma criação fantástica, talvez até delirante, uma ficção científica elaborada a partir de conflitos existenciais de um jovem médico judeu agnóstico, inserido em um complexo histórico-cultural da Viena dos Habsburgos, com o seu moralismo puritano (Gay, 1989).

Outra ótica aborda a Psicanálise como primeira tentativa de explicar e compreender a questão da sexualidade (que em Freud ganhou uma conotação mais abrangente do que o mero impulso biológico) (Nelson, 1959). Essa questão da sexualidade foi encarada diversamente nas várias épocas históricas, desde o liberalismo dos gregos à Idade Média repressora (caça e condenação das bruxas pela inquisição), até a época vitoriana, onde se situa o início da Psicanálise; questão considerada tabu apenas tangencialmente abordado pela comunidade científica da época de Freud (estudos de Havellock Ellis e Kraft Ebing lhe serviram de base), embora esta questão sexual fosse veladamente comentada em público e o sexo praticado em surdina. Criava-se, assim, uma visão distorcida da realidade familiar, com seus conflitos conjugais mal resolvidos, resultando em frustrações dessa ideologia da classe social e seus valores burgueses hipócritas, que preferia não enfrentar seus problemas internos e de personalidades divididas entre a imagem pública e a privada, fruto, portanto, da ideologia de uma classe social burguesa e sua moral puritana (Gay, 1990).

A grandeza e a originalidade da obra freudiana não podem ser reduzidas a tentativas de vulgarização da psicanálise, releituras ou visões distorcidas de seus detratores: sociólogos, antropólogos,

cientistas políticos, historiadores, filósofos, metodólogos da ciência, tentaram desvendar o enigma freudiano (Foucault, Lacan etc.). Entretanto, a grande dificuldade para entender e conceituar a psicanálise consiste em definir claramente suas características e seus limites. A psicanálise é, ao mesmo tempo, uma teoria de estruturação da personalidade, uma técnica de investigação dos fenômenos inconscientes, uma terapia de conflitos inconscientes (principalmente os neuróticos) e uma visão do mundo (o que os alemães chamam de *Weltanschauung*). Muitos do equívocos destes críticos da psicanálise e até de muitos psicanalistas resultam da dificuldade de definir e delimitar operacionalmente estes vários aspectos desta Ciência (e aqui usamos Ciência no sentido amplo do termo) (Dalbiez, 1947).

Freud representou, talvez, um caso singular na história das ciências, ao criar solitariamente uma ciência - a ciência do inconsciente dinâmico (Trilling, 1969). Evidentemente que Freud teve precursores na Filosofia e na ficção literária e poética de várias épocas (o mito ou alegoria da caverna em Platão, o conceito Nietzscheano de impulsos cegos determinando nosso comportamento e a noção de inconsciente de Schopenhauer, em "O Mundo como vontade e Representação - Metafísica do Amor". Freud amava os clássicos e freqüentava aulas do filósofo Brentano (Assoun, 1978; Backes, 1969, pp. 281-295). Entretanto, coube a Freud a primazia na sistematização de uma teoria organizada e coerente para explicar a gênese, a estrutura e o funcionamento deste fenômeno inconsciente, criando assim a Ciência do Inconsciente Dinâmico (Trilling, 1969). Para uma ciência se constituir, é necessário preencher dois requisitos básicos: possuir um objeto de estudo próprio, específico, não apropriado de outras ciências, (no caso da Psicanálise o inconsciente dinâmico) e um método próprio para abordá-lo, o método psicanalítico. Os filósofos criaram grandes sistemas explicativos de Ser e do Mundo, daí falarmos de uma filosofia platônica, tomista, marxista, fenomenológica, existencialista etc. Teria Freud criado mais um sistema filosófico inacabado? Suas últimas obras de psicanálise aplicadas à cultura e à compreensão do mal-estar da civilização permitem pensar ser este o objetivo final de sua obra (Dalbiez, 1947; Freud, 1948).

No que se refere ao método psicanalítico, usou a introspecção, instrumentalmente mais refinada do que a de Wundt e as técnicas da análise e interpretação de sonhos (que ele definia como a via régia

para atingir o inconsciente), a análise da transferência e da resistência e a análise dos atos falhos (Marx & Hillix, 1979, Wolberg, 1967).

Até que ponto a Psicanálise resiste a uma crítica metodológica e epistemológica rigorosa (usando o método experimental e verificação de hipóteses), que avalie seu "status" de cientificidade? Seria a Psicanálise uma pseudociência? (Bunge, 1969; Nagel, 1974). Situar-se-ia no mesmo nível de outros pseudosaberes como a Quiromancia, a Astrologia, a Parapsicologia? Teria Freud, sob o pretexto de analisar todos os mitos, desmascarando as ilusões de todas as ideologias religiosas, políticas, científicas, incorrido no mesmo erro, isto é, criado um novo mito, substituto, o mito da Psicanálise? (Ehrenwald, 1969).

Como método de investigação de fenômenos inconscientes a Psicanálise foi alvo de muitas críticas: epistemológicas, éticas, religiosas etc (Bleger, 1963; Bunge, 1969; Marx & Hillix, 1979). Podemos esquematizar essas críticas em duas vertentes: uma crítica extrínseca e outra intrínseca.

Como crítica extrínseca, a metodológico-experimental recusa o status de ciência à Psicanálise (situando-a no mesmo nível das pseudociências acima referidas) porque não preencheria os requisitos de uma verdadeira ciência que usa o método experimental, (Bunge, 1969; Wolberg, 1966), o qual se caracteriza pela formulação e verificação de hipóteses, a replicação do experimento em condições controláveis (*ceteris paribus*), enquanto a Psicanálise tem dificuldade em operacionalizar seus conceitos básicos sobre o comportamento, onde se confundem observações superficiais e não sistematizadas com intuições e inferências com alto grau de generalização. A esta crítica, a Psicanálise responde que metodólogos positivistas restringem o conceito de Ciência às chamadas Ciências Exatas e privilegiam o método experimental como o único confiável. O filósofo Dilthey já classificara dois tipos de ciência: as Ciências da Natureza (*Naturwissenschaften*) que usam o método experimental e as Ciências do Espírito (*Geistwissenschaften*), que usam o método idiográfico, que visa a compreensão do objeto de estudo (Jaspers, 1963). A Psicanálise seria uma Ciência do Espírito, como a História, a Sociologia, a Antropologia Cultural, isto é, um misto de Ciência, Arte e Literatura.

Por outro lado, o próprio conceito de Ciência como o único tipo de saber confiável, segundo o modelo positivista, está sendo questionado por metodólogos. Cientistas como Polanyi preconizam que a

Ciência deveria rever não somente seus métodos positivistas, como seus próprios fundamentos. As próprias Ciências ditas Exatas não são tão exatas quanto pretenderiam, como demonstraram, na Física, a Lei da Indeterminação de Heisenberg e o Teorema de Gödel e a nova Teoria do Caos e dos fractais. A Ciência não detém o monopólio da verdade, pois o conhecimento é interfecundante e problematizável. A Ciência é, ou deveria ser, o mais humilde dos ramos do saber (e tem a ver com ética, aliviar o sofrimento humano), no sentido de que seus métodos e modelos são passíveis de reformulações permanentes, através de ciclos de revoluções científicas (Kuhn, 1975). Uma teoria, por mais sofisticada que seja, trabalha por aproximações sucessivas da realidade. O modelo científico é um recorte da realidade, não se confunde com esta. Sempre que novos fenômenos desafiam a explicação científica convencional, a Ciência deve ser questionada na sua Metodologia e nos próprios fundamentos.

Com relação à segunda vertente, a crítica interna à Psicanálise é praticada por epistemólogos, que tentam realizar a análise da Psicanálise, usando seu próprio método para analisar sua validade e suas limitações enquanto conhecimento científico. A História do Movimento psicanalítico, a partir dos conceitos básicos de seu fundador, os conflitos internos e cisões, tem sido objeto de estudo de análise histórica e cultural. Jung criticou o pansexualismo da Teoria Psicanalítica talvez sem perceber que a teoria da sexualidade, segundo Freud, incluía mas não se reduzia a uma mera teoria biológica do sexo. Os psicanalistas culturalistas, como Karen Horney, H. S. Sullivan e Erich Fromm, introduziram a variável cultural na estruturação da personalidade e seus conflitos. Wilhelm Reich e Fromm tentaram conciliar o marxismo com a Psicanálise (Guardo, 1969; Marx & Hillix, 1979).

A Psicanálise, como método de investigação de fenômenos inconscientes, recebeu críticas metodológicas e epistemológicas. O próprio conceito de inconsciente é refutado ou conceituado diversamente pelo existencialismo de Sartre ou pelo Marxismo, que não pode aceitar um inconsciente ahistórico e atemporal. As principais críticas positivistas se referem à dificuldade de replicação do experimento psicanalítico que, ao usar o método introspectivo, cria um relato singular, único, que não permite o controle das variáveis, pois cada sessão não repete jamais o mesmo "clima" da anterior, daí a dificuldade

do controle experimental das variáveis. A dificuldade na avaliação de muitos postulados analíticos consiste na operacionalização de constructos teóricos abstratos, com elevado nível de generalização e a dificuldade de identificar e controlar a multiplicidade de variáveis sutis (Marx & Hillix, 1979).

A psicanálise usa o raciocínio *posfacto, ergo ipso facto*, isto é, se um fato ocorre após outro, haverá necessariamente uma relação de continuidade, de causa e efeito entre os dois fatos, o que nem sempre é válido como explicação causal; usa o pensamento tautológico, ou seja, explica o inconsciente pelo inconsciente. Quando algum cientista recusa aceitar o conceito psicanalítico de Resistência, o psicanalista atribui essa questão conceitual à resistência intelectual inconsciente do cientista. A Psicanálise também não atenderia a uma das exigências do conhecimento científico: ser organizado, sistematizado e plural. Ora, o conhecimento psicanalítico é singular, não replicável. Haverá possibilidade de uma ciência do fenômeno singular, único? A Psicanálise responde que sim e que trabalha com padrões repetitivos, isto é, a conduta neurótica tende a produzir (repetir) os mesmos padrões de respostas estereotipadas (Marx & Hillix, 1979).

Quanto à técnica terapêutica psicanalítica - como terapia de conflitos inconscientes: a Psicanálise revolucionou o próprio conceito clínico (médico) de cura, que é um conceito biológico da psiquiatria clássica. Freud acreditava que todos nós somos neuróticos, não simplesmente por apresentarmos manifestações simbólicas de conflitos inconscientes, mas no sentido de que todo ser humano precisa aprender a lidar com seus conflitos existenciais, que são inerentes ao próprio ato de viver, ou como diria mais tarde Guimarães Rosa em *Grandes Sertões Veredas* - "Viver é extremamente perigoso" (Rosa, 1956).

A eficácia da técnica psicanalítica tem sido testada e comparada com outras técnicas (behaviorista, fenomenológica, gestáltica), revelando-se igualmente eficaz no alívio sintomático e na reestruturação da personalidade, para aprender a tolerar o sofrimento humano, embora exija maior investimento motivacional, emocional, intelectual e financeiro que outras técnicas. Os requisitos necessários para iniciar e manter o processo psicanalítico (análise terminável ou interminável) (Freud, 1948) são tantos que reduzem em muito sua aplicação prática na sua forma ortodoxa, daí o advento de formas abreviadas ou adaptadas de psicoterapia de base analítica. Paradoxalmente, a psicanálise

parece oferecer melhores resultados nos casos bem selecionados de pessoas que, previamente à análise, encontraram soluções adequadas e criativas para lidar com conflitos intra e interpessoais, além de possuir ego forte, motivação adequada, capacidade de *insight*, isto é, pessoas que tiveram o mínimo de coragem para aceitar o jogo para descobrir sua "verdade" pessoal. O objetivo básico da Psicanálise é ampliar o campo da consciência, aprender a identificar e lidar com seus impulsos e desejos irracionais, permitindo assim tomar decisões mais maduras e racionais, fundando uma nova ética nas relações humanas ou, como diria Freud, permitir-se gozar os fugazes momentos de felicidade e tornar mais tolerável a infelicidade da condição humana. Evidentemente que os objetivos a alcançar, em cada caso, serão operacionalizados e avaliados durante o processo analítico. Nesse sentido, Freud fala como um filósofo cuja visão do mundo é realista, para não dizer pessimista e, ao contrário do Romantismo de J. J. Rousseau, aproxima-se mais da concepção de Hobbes (o homem é o lobo do próprio homem) (Miranda, 1972).

Em síntese, a primeira dificuldade metodológica para compreender e avaliar a contribuição de Freud como pensador da cultura é revelada quando se tenta separar os vários aspectos da Psicanálise, enquanto teoria da personalidade, um método de investigação científica dos fenômenos inconscientes, uma terapia de conflitos psíquicos e uma visão do mundo (uma *Weltanschauung*) (Dalbiez, 1947).

Conforme referido anteriormente, Freud representou, talvez, um caso singular de um pensador que criou uma nova Ciência desde seus fundamentos, passo a passo, e formulou uma teoria integrada e coerente do inconsciente dinâmico. Apesar das críticas dos metodólogos positivistas que valorizam somente o método experimental, a Psicanálise preenche os requisitos de uma verdadeira Ciência, pois uma Ciência se constitui quando tem um objeto de estudo próprio (isto é, não apropriado de outras ciências): o inconsciente dinâmico e um segundo requisito, ter um método original para estudar este objeto, no caso da Psicanálise, o método introspectivo, sofisticado, das associações livres e as técnicas de análise da resistência, da transferência, dos sonhos e dos atos falhos (Wolberg, 1966). Com esta descoberta, Freud realizou o que mais tarde Gaston Bachelard chamaria um corte epistemológico na história das ciências, uma ruptura de um paradigma científico, ou seja, uma nova visão do mundo (Bachelard, 1948).

A descoberta científica do inconsciente foi o terceiro golpe na ferida narcísica do homem (Freud, 1948). O primeiro foi a formulação da teoria heliocêntrica, substituindo a concepção geocêntrica ptolomai-ca (endossada pela Igreja Católica durante a Idade Média). Somos apenas poeira de estrelas, o sistema solar mais um entre bilhões de galáxias, com probabilidade de vida inteligente em outros planetas. O segundo ataque ao narcisismo do homem, constitui-se na teoria evolucionista de Charles Darwin. A espécie humana é produto da seleção natural e da evolução milenar de outras espécies com diferentes organizações biológicas, mas com as quais mantém muitas analogias. Freud afirma que a espécie humana, em certos aspectos, permanece um troglodita (o paleocérebro humano, possui funções semelhantes às dos animais inferiores), apenas mascarado com uma leve película de civilização. Toda a superestrutura ideológica formada pela Religião, Moral, Filosofia, Arte e Organização Social e Jurídica, só se tornou possível pelo controle, repressão e sublimação sempre precários dos impulsos instintivos, agressivos e libidinais que nos aproximam dos outros animais. Freud aplicou o golpe de misericórdia no narcisismo humano quando diz que o homem não seria mais aquele ser racional do Iluminismo. Somos movidos mais por forças irracionais inconscientes do que conscientes. Conforme a lei do Determinismo Psíquico, todo comportamento humano tem sua explicação e esta deve ser buscada principalmente nos fatores inconscientes (Freud, 1948). Cabe ao homem, através da Psicanálise, ampliar o campo das decisões conscientes e racionais, para não incorrer nas críticas que o Marxismo faz à Psicanálise (ideologia pequeno-burguesa), negando a capacidade do homem ser sujeito da História, e também do Existencialismo sartreano (o homem é condenado a ser livre) (Sartre, 1970).

Apesar das vicissitudes do movimento psicanalítico, suas discussões, reformulações e desvios, a Psicanálise se aproxima do século XXI evoluindo com novas concepções sobre a condição humana e interfecundando outros ramos do saber psicossocial, a Literatura e as Artes.

COMENTÁRIOS FINAIS

A Psicanálise reúne uma tríplice condição: procedimento terapêutico, método de investigação e teoria da personalidade.

Acrescentamos uma quarta: constitui um desafio à metodologia das Ciências da Natureza. Frequentemente é uma atitude que tem reciprocidade: uma predominante indiferença dos psicanalistas pela metodologia é compensada por uma indiferença dos cientistas e metodólogos pela Psicanálise. Alguns psicanalistas aspiram pelo ideal de chegar a transformar a Psicanálise em uma Ciência Exata, com verificações, controle de variáveis e objetivações, como os usados pelas Ciências da Natureza. Outros psicanalistas assumem uma atitude de soberba e isolamento frente às "Ciências da Natureza". Sentem-se auto-suficientes e rechaçam as exigências ou a necessidade de uma epistemologia. Bastam-lhes as "evidências" e as intuições de sua Ciência e técnica tão particulares e específicas que, supõem, ninguém está em condições de entendê-las. Outros psicanalistas percebem que é um problema muito mais complexo e não pode ser tratado linear nem unilateralmente.

A Psicanálise coloca um novo objeto de estudo ou coloca o objeto de estudo da Psicologia de outro modo, com método ou procedimento também novo. **Este novo procedimento ou método da Psicanálise tem um dos pilares na compreensão e outro na interpretação como instrumento para veicular ou usar de forma adequada referida compreensão.** O método das Ciências Exatas ou das Ciências da Natureza pode submeter tudo à verificação e à objetivação, com a única exceção de um elo; o único que não pode submeter a controle, verificação e objetivação é o momento do processo de compreensão dos dados e dos resultados da investigação.

Esta coincidência não é mera coincidência. Se os procedimentos de verificação e controle das Ciências da Natureza não podem ser usados na Psicanálise, isto não ocorre por uma deficiência da Psicanálise ou dos psicanalistas, e sim por uma insuficiência do próprio método científico das Ciências da Natureza. Estas conseguiram sua exatidão, verificação e objetivação, restringindo seu campo ao limite das suas necessidades e às exigências de seu método ou vice-versa: o método restringiu os objetos aos quais se aplica, isto é, constrói seus objetos de acordo com o método. Não se trata então da dificuldade das Ciências Humanas não se adaptarem ao método científico. Trata-se de que estas últimas não se enquadram no método científico por uma razão básica: sua validade foi obtida amputando ou eliminando o ser humano nos dois extremos: a intervenção humana nos objetos que se estuda e na

intervenção do observador ou investigador, escotomizando a condição humana deste último, assim como a do próprio conhecimento.

As Ciências da Natureza abstraem, isto é, isolam objetos do contexto humano real e também excluem deste último a figura do investigador. Objetividade e racionalidade significam, assim, supressão dos seres humanos e supressão do sentido e do contexto social e psicológico de todo dado e de toda investigação.

A Psicanálise começou investigando o que ocorre no paciente ("dentro" dele), mas a introdução da transferência levou-a insensivelmente a uma mudança fundamental; a investigação do que ocorre durante a sessão analítica, enquanto relação interpessoal. A isto se acrescentou o estudo do que ocorre no psicanalista (contra-transferência, contra-identificação). **A Psicanálise se centra na relação interpessoal e também no paciente e no analista. Isto não só é uma inovação metodológica, como exige uma inovação epistemológica também nas Ciências da Natureza.** Não se trata de estudar "coisas" que, por abstração (no sentido de abstrair ou extrair do contexto), resultem em seres desumanizados, mas sempre a relação do homem com as coisas. O próprio conhecimento já não pode ser objetivo e sim incorporado ao ser humano (na investigação e na vida corrente).

De forma resumida, queremos estabelecer três premissas: a) a Psicanálise tem um sério déficit quanto à precisão de seus "dados" e quanto à fundamentação, verificação, objetivação e controle de suas interpretações, hipóteses, teorias e resultados terapêuticos; b) a metodologia das Ciências da Natureza tem uma séria defasagem, graças à qual obteve exatidão, verificação, controle e objetivação; c) o entrecruzamento ocorre no fato de que **a Psicanálise utiliza precisamente o que as Ciências da Natureza não resolveram e enfrenta justamente aquilo que as Ciências da Natureza mutilaram como condição imprescindível para se desenvolver.** Não há na metodologia das Ciências Exatas nada que nos ofereça caminhos para compreender, pensar e criar, numa palavra, para criar, investigar, descobrir. Isto continua ocorrendo ao acaso. Uma grande quantidade de investigadores não investiga: só aprenderam e aplicaram os procedimentos de coleta de dados, classificação de observações e verificação.

É importante na Psicanálise investigar os problemas relacionados com a investigação, por exemplo, o que Bachelard

chamou de "obstáculos epistemológicos", a sublimação ou reparação, as resistências e dificuldades para pensar e planejar uma investigação.

Em síntese, na Psicanálise o "instrumento" básico da investigação é a própria personalidade do investigador. Assim, estruturou-se um conhecimento psicanalítico da investigação que é proveitoso para compreender tanto a investigação quanto o investigador de qualquer campo científico. O resultado disto não é um mero acréscimo à investigação, pois constitui o fermento de uma inovação epistemológica. A metodologia das Ciências da Natureza só tem êxito na verificação, mas nada revela sobre o descobrimento. Isto não é casual, pois ela (a metodologia) deixa de lado e mesmo nega o que a Psicanálise recolhe como fundamental. Não seria exagerado dizer então que, nas Ciências da natureza, a descoberta se atinge quando o investigador se afasta das exigências de sua metodologia.

Até aqui, apresentamos algumas questões básicas que, geralmente, não são levadas em conta na investigação convencional, tratando de extrair as colocações e discussões metodológicas das simplificações que se postulam.

Nas relações entre metodologia e Psicanálise há questões não resolvidas. Preconizamos uma reflexão fértil, mostrando que estas insuficiências recíprocas contêm uma profunda relação que é responsável pela estrutura e sentido dos métodos da psicanálise e das Ciências da Natureza. As insuficiências metodológicas da Psicanálise quanto à verificação, controle e objetivação, não o invalidam enquanto método científico de descoberta, pois seu fundamento é a **compreensão** (Jaspers, 1963; Sempé & Backes, 1969). As limitações do método das Ciências da Natureza também não o invalidam, em face do que alcançou até o presente momento, mas pode inibi-lo se bloquearmos seu caminho na investigação. A metodologia não é um sistema acabado que está em condições de se prescrever ou descartar. Em certa medida tem um desenvolvimento autônomo, mas também depende das contribuições dos diferentes campos científicos e dos seus procedimentos. A metodologia é uma sistematização dos procedimentos da investigação. Rigorosamente nunca se investiga ou descobre-se com suas formulações. Estas podem introduzir coerência e discriminação nos passos que o investigador segue. A metodologia e a epistemologia estudam o que os investigadores fazem e dizem em seu trabalho de investigação, como o fazem e por que. Mas, tais objetivos param justamente no

ponto nodal que a Psicanálise recolhe. Este “calar-se” sobre este aspecto por parte da metodologia das Ciências da Natureza é um dos fundamentos sobre o qual se constituiu. Ao silenciar sobre este aspecto, tem que proceder a uma renovação de suas construções. O método psicanalítico, ao não silenciar sobre este ponto, encontra-se com problemas totalmente novos.

Voltamos à afirmação anterior, da necessidade de recolocar problemas tais como subjetividade versus objetividade, racionalidade versus irracionalidade. A objetividade alcança-se amputando o sujeito, resultando, assim, numa ilusão de objetividade. Mas, incluir os seres humanos na objetividade não é equivalente a conhecimento subjetivo. Do mesmo modo, na análise da racionalidade versus irracionalidade confundem-se coisas distintas com uma amputação da racionalidade, o que não significa que o método ou o conhecimento sejam irracionais (Arlow, 1959).

CONCLUSÃO

A Psicanálise é, simultaneamente, uma teoria de estruturação da personalidade, uma técnica de investigação dos fenômenos inconscientes e uma visão do mundo (uma *Weltanschauung*). Essa natureza polivalente da Psicanálise dificulta sua conceituação e a limitação operacional de seus vários aspectos, freqüentemente, intimamente imbricados. Outra dificuldade metodológica consiste em separar constructos e enunciados teóricos de alto grau de generalização, impossíveis de se submeter a uma rigorosa metodologia de controle de variáveis e comprovação experimental de hipóteses (nem sempre claras) de outros princípios baseados em observações sistematizadas de crianças sobre a importância das primeiras etapas do desenvolvimento psicosssexual na estruturação da personalidade adulta.

Outros conceitos e constructos teóricos (como, por exemplo, a hipótese de impulsos instintivos de vida e de morte) não permitem verificação experimental. As variáveis sutis e o “clima” único e singular no qual se desenvolve a sessão psicanalítica não permitem uma replicação do experimento.

Em razão da natureza complexa e singular do objeto de estudo e das variáveis sutis que interferem no fenômeno observado - inconsciente dinâmico, a validação dos enunciados psicanalíticos deve

ser buscada utilizando outras técnicas não convencionais, a exemplo do que ocorre com as Ciências Humanas. O método compreensivo estaria mais adequado para investigar e validar a natureza do fenômeno observado. A classificação de Ciências de Dilthey em Ciências da Natureza (onde alguns aspectos da psicanálise podem ser enquadrados e testados experimentalmente) e Ciências do Espírito ou Idiopáticas com objeto de estudo único e singular, usando o **método compreensivo** nos ajuda a abordar os complexos e sutis aspectos desta Ciência encruzilhada. Dado que na Psicanálise, o instrumento básico da investigação é a própria personalidade do investigador, estruturou-se um conhecimento psicanalítico da investigação e do investigador de qualquer campo científico, **constituindo-se, assim, o fenômeno, uma inovação epistemológica, pois recoloca os problemas da racionalidade versus irracionalidade; subjetividade versus objetividade.** Freud desenvolveu a compreensão dos fenômenos psicológicos normais e patológicos. Neste sentido, a Psicanálise se inscreve como uma Hermenêutica, um estudo dos significados. Mas, paralelamente, desenvolveu uma Metapsicologia que segue os delineamentos das construções “objetivas” das Ciências da Natureza, recorrendo a entes e esquemas causais e explicativos. Isto é consequência do desejo e necessidade de Freud em desenvolver a Psicologia como uma Ciência da Natureza. Esta não é sua contribuição fundamental, e sim o desenvolvimento de uma Psicologia compreensiva e um método adequado para abordar estes fenômenos (Jaspers, 1963, p. 495). Esta é, a nosso ver, a contribuição fundamental e revolucionária de Freud.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARLOW, J. A. *Psychoanalysis as scientific method*. In: HOOK, S. *Psychoanalysis as scientific method and philosophy*. New York: New York University, 1959.
- ASSOUN, P. L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.
- BACHELARD, G. *La formación del espíritu científico*. Buenos Aires: Arges, 1948.
- BLEGER, J. *Psicoanálisis y dialéctica materialista*. Buenos Aires: Paidós, 1963.
- BUNGE, M. *La investigación científica*. Barcelona: Ariel, 1969.

- CHOMSKY, N., TOULMIN, S. & WALKINS, J. *La explicación en las ciencias de la conducta*. Madrid: Alianza, 1974.
- DALBIEZ, R. *O método psicanalítico e a doutrina de Freud*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- EHRENWALD, J. *Psicoterapia: mito y método*. Barcelona: Toray, 1969.
- ELLENBERGER, H. *El descubrimiento del inconsciente*. Madrid: Gredos, 1976.
- FREUD, S. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948. v. 3.
- GAY, P. *A Paixão terna*. São Paulo: Schwarcz, 1990.
- _____. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUARDO, R. M. *De Freud a Fromm*. Buenos Aires: Ciordia, 1969.
- JASPERS, K. *Psicopatologia general*. Buenos Aires: Beta, 1963.
- JONES, E. *Vida e obra de S. Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- KUHN, T. S. *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LAMBERT, K., BRITTAN, G. *Introducción a la filosofía de la ciencia*. Madrid: Guadarrama, 1975.
- LUDWIG, E. *Freud, el mago sexual*. Buenos Aires: Losada, 1951.
- MARCUSE, L. *Freud e a psicanálise*. Lisboa: Livros do Brasil, 1965.
- MARX, M., HILLIX, W. *Sistemas e teorias em Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MENNINGER, K. *Theory of psychoanalytic technique*. New York, Basic Books, 1963.
- MIRANDA, M. *Alguns aspectos filosóficos na obra de Freud*. Belém, 1972. Manuscrito não publicado.
- NAGEL, E. *La Estructura de la ciencia*. Buenos Aires: Paidós, 1974.
- NELSON, B. *O século de Freud*. São Paulo: Ibrasa, 1959.
- NEURATH, O., CARNAP, R., MORRIS, C. *Foundations of the unity of science*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971. v. 1.
- RADNER, M., WINOKUR, S. *Analysis of the theories and methods of physics and psychology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1970. v. 4.
- ROBERT, M. *A revolução psicanalítica*. São Paulo: Moraes, 1978.
- ROSA, G. *Grandes sertões Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1956.
- SARTRE, J. P. *Coleção Os pensadores*. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1970. v. 45.

- SEMPÉ, J. C., BACKES, C. *A Psicanálise*. Lisboa: Ed. 70, 1969.
- SILVA, A. F. R. *O Desejo de Freud*. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- TRILLING, L. *Mas alla de la cultura*. Barcelona: Lumen, 1969.
- WOLBERG, L. *The technique of psychotherapy*. 2. ed. New York: Grune and Stratton, 1967.
- _____. *Psychotherapy and the behavioral sciences*. New York: Grune and Stratton, 1966.
- WOLLHEIM, R. *Freud*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976. 2v.